



## ENTREVISTA COM LEONARDO FRÓES

**Leonardo Fróes\***  
ENTREVISTA POR: **Clarissa  
Xavier\*\***

\* Leonardo Fróes é poeta, tradutor, pesquisador e crítico literário.  
clarissaxavier3@gmail.com  
\*\* Clarissa Xavier é doutoranda (Pós-Lit/UFMG) e editora da revista *Em Tese*.

Em *A pandemonia e outros poemas* (2021), o poema que abre o livro diz que “a máquina do mundo enguiçou”. De que modo o enguiço pandêmico do mundo contemporâneo, encoberto pelas sombras do terraplanismo, como anunciam os primeiros versos do poema, se relaciona com o enguiço do pensamento?

Bem, quando a máquina do mundo enguiça, diante de tantos e tão incompreensíveis flagelos, como as epidemias, a boçalidade das guerras ou a frequente violência das ações policiais, é inevitável que enguice também o pensamento. Ninguém sabe ao certo o que pensar ao se ver enclausurado em situações assim tão inconcebíveis, tão determinadamente *impensáveis*.

Nesse mesmo poema, as imagens das cidades cujo funcionamento foi interrompido na pandemia dão lugar a um olhar atento aos elementos que continuam em seu movimento cotidiano, apesar do isolamento humano. Como esse olhar ilumina a presença do poeta, conferindo novos símbolos para a concepção de um mundo que não está centrado somente na ação humana?

Repare que, no final do poema, é um fio de luz que ilumina a presença do poeta, depois que ele olha para os passarinhos, em “sadios arabescos do voo em liberdade”, e para as nuvens “desenhando no fundo do infinito, tão maior do que tudo, suas formas de sonho que se consolidam e esgarçam”. Quer dizer que para o poeta, neste instante que o absorve, a experiência de se abrir para o

todo lhe permite viver realidades extrínsecas a um mundo totalmente limitado à ação humana.

No poema “Colar de algas” a ideia de pensamento é condensada nos versos “Espelho da natureza, o pensamento/ flui e, enquanto eu penso, ele se foi. / Espelho, não; parte integrante/ da mesma imagem do horizonte”. Você poderia falar sobre a ideia de um pensamento vegetal e de que modo ela permeia sua obra?

Prefiro falar de senciência, e não de pensamento vegetal, já que um tipo de imobilismo mental impõe a muitos a convicção de que o pensar é um atributo exclusivo de nossa própria espécie. Mas para mim o sapo e o hipopótamo, ou a seringueira e o jacarandá, também pensam, e muito, cada qual a seu modo, como seres sencientes que são. Sabem sempre o que lhes convém, nascem e se fortalecem nas condições mais propícias ao que lhes é indicado por suas índoles.

Pensando em sua sobrevivência, os vegetais realizam grandes proezas. No meu sítio, por exemplo, uma árvore nasceu muito na beira do rio, num barranco inclinado, onde as enchentes de verão poderiam facilmente arrancá-la e destruí-la, carregando-a nas águas. Antes mesmo que isso acontecesse, ela se pôs a deformar seu caule, que



Fotografia do “Abraço vegetal”, retirada por Regina D’Oliveira para nossa entrevista.

deveria ser retilíneo, retorcendo-o como se fosse de borracha para agarrar-se a outra árvore adulta que crescia bem perto, mas já em terra plana e firme. A operação deu tão certo que hoje as duas se abraçam, crescendo juntas e frondosas à margem do tumulto das águas.

A presença dos vegetais é frequente, sob diferentes aspectos, em grande parte do que escrevi desde que vim para o campo, há um pouco mais de meio século. Em certos poemas, como “Contemplação dos seios das be-terrabas”, “Mulheres de milho” ou “Terapia dos brotos”, eles estão até nos títulos. Já no livro *Natureza, a arte de plantar*, que publiquei no final de 2021 pela Companhia Editora de Pernambuco, abordo-os em termos práticos, de caráter mais didático, com comentários sobre seus modos de ser, seus hábitos e preferências.

**As imagens relacionadas à natureza carregam uma força atuante em sua obra, enquanto há poemas que constroem cenas urbanas como uma paisagem, como “Sobre um tema de Confúcio”. De que modo, para você, se relacionam essas duas formas de atenção ao espaço?**

Compromissos profissionais ou familiares sempre me levaram de vez em quando à cidade, onde o hábito tem sido demorar-me o mínimo possível. O poema que você

menciona descreve alguém que vê de fora as correrias da cidade grande e “as pessoas atarefadas que passam”. O homem de quem este poema fala, “sozinho num bar deserto pensando / em nada de especial e curtindo” as pessoas que seu olhar apreende, vive um momento de grande significação para ele. De certa forma, essa óptica de certa distância é semelhante ao que ele sente quando imerge de todo, “sem função social”, na contemplação da Natureza. Não se trata, em nenhum dos dois casos, de fazer julgamentos de valor. O que entra em questão é deixar a mente vazia para apreciar com a mais profunda ternura a eclosão dos fenômenos.

**De que modo a ideia de uma natureza pensante se relaciona com o silêncio? Seria o silêncio a ausência de palavras e ruídos ou algo além? O silêncio está presente na comunicação humana e não humana?**

Talvez não tenhamos condições de dizer, com perfeita exatidão, aquilo que a própria Natureza nos diz. Nossos poemas, meras construções com palavras, serão então aproximações dos sentidos que no fundo jamais se cristalizam. Sim, o silêncio está presente em qualquer tipo de comunicação, seja humana ou extra-humana. Como os demais seres do mundo, não nos comunicamos só por vocalizações e ruídos. Os olhos, os gestos, as expressões

faciais, todos os movimentos corpóreos também falam, e às vezes com suprema eloquência.

**Onde se situa o silêncio na sua produção poética? De que modo se inicia a formulação dos seus poemas e como a escrita deles desenvolve até a formação de um livro?**

Escrever um poema, ou deixar que ele se inscreva em mim, é com frequência um recurso para chegar ao silêncio interior de um puro deleite que nos alivia e consola. Mas a formulação de um poema é sempre muito variável e sempre misteriosa. Nunca sei ao certo quando se inicia, nem nunca sei quando de fato termina. Quem sabe eu viva, depois de tantos anos, num permanente estado poético? Já a feitura de um livro é coisa simples. Não me lembro de ter pensado nisso, algum dia, com antecedência. Sempre achei que havia um livro pronto quando já tinha um punhado de poemas que a meu ver poderiam ser publicados.

**Que leituras acompanham sua produção escrita, no campo da poesia e de outras áreas?**

Sou e sempre fui um leitor voraz. Ao traduzir, leio os autores com os quais trabalho, e tudo o que encontro sobre eles. Em outros momentos e de modo geral, leio sobre

os assuntos mais diversos, desde a vida das abelhas até o comportamento sexual dos humanos durante a Idade Média. Em vários poemas que escrevi, ocorre uma infiltração de coisas lidas e, ao sabor das circunstâncias, aqui e ali modificadas.